

A participação do Exército Brasileiro em Força de Paz no Oriente Médio

*Julio Cezar Fidalgo Zary**

Introdução

Para o pleno entendimento dos motivos que levaram a ONU a estabelecer a Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL) bem como da posterior participação do Exército Brasileiro nesta Força, é necessário que se apresente, sumariamente, o desenrolar dos acontecimentos da região, a partir da década de 1920.

Inicialmente, a formação do território libanês, bem como a quase totalidade da atual conformação de suas fronteiras, foi estabelecida de comum acordo entre ingleses e franceses em 1926, momento em que o domínio otomano foi encerrado em favor da França, em face do resultado da Grande Guerra, encerrada em 1918, com a derrota dos Impérios Centrais para os aliados. Porém, a linha fronteiriça foi estabelecida sem se levar em consideração os acidentes naturais do terreno, o que não era um problema naquele momento, pois o Líbano era apenas mais uma colônia gaulesa.

No entanto, em 1943, devido à derrota francesa durante a Segunda Guerra, a

então colônia se tornou independente, sendo seguida pela vizinha Síria, outra colônia francesa, em 1946. Dois anos mais tarde, a ONU reconheceu a criação de Israel, situado ao sul do Líbano e a sudoeste da Síria, adicionando, possivelmente, o maior dos fatores de desestabilização da área, tendo em vista o antagonismo judaico-muçulmano.

Desde então, problemas relacionados às disputas de fronteiras terrestres e às diferenças étnico-religiosas tornaram a região bastante instável, inclusive com a incidência de diversos conflitos bélicos, sendo o último o ocorrido em 2006, findo o qual foi estabelecida a resolução nº 1.701 do Conselho de Segurança da ONU, que ampliava os efetivos da UNIFIL, bem como impunha novas determinações, em substituição às resoluções nº 425 e 426, de 1978, que estabeleceram a Missão.

Atualmente, a situação política do Líbano está em transformação. Em dezembro de 2016, foi formado um novo gabinete de governo, com esforços envidados no sentido de se aprovar uma inédita lei eleitoral, a qual foi apoiada pela maior parte dos partidos. No entanto, a falta de consenso em relação a alguns

* Ten Cel Inf (AMAN/97, EsAO/05, ECEME/12). Possui curso de extensão em História Contemporânea (Universidade da Virgínia, EUA/14) e em Terrorismo e Contra-Terrorismo (Universidade de Leiden, Holanda/13). Foi o comandante do 7º CONTBRAS no Líbano (2017/2018).

detalhes acabou por postergar as eleições. Por outro lado, no campo diplomático, o governo libanês tem lançado uma campanha que pode reatar antigos laços políticos com outros países árabes, como a Arábia Saudita, o que desperta a insatisfação do Irã, que busca ser o líder dos muçulmanos no Oriente Médio, realizando um contraponto em relação aos sauditas.

Ademais, no campo social, o país ainda enfrenta os reflexos da crise dos refugiados originários da guerra civil da Síria, e, apesar das possíveis consequências negativas que podem ser geradas pelo restabelecimento dos laços antigos, o impacto da crise síria ainda tende a ser o principal fator de desestabilização da situação no Líbano e, conseqüentemente, da área de responsabilidade da UNIFIL. Apesar de quê, no campo militar, há uma tensão crescente no sul do país, tendo em vista a construção do muro israelense na fronteira.

Diante de um dos cenários mais importantes e conturbados da atualidade, muito já foi discutido sobre a relevância da presença da Marinha na UNIFIL, porém pouco sobre a participação do Exército Brasileiro (EB). Tendo em vista a sua intenção de ampliar a participação em missões internacionais – que posteriormente entrou em consonância com o Projeto SETA (Seleção e Emprego de Tropas Adjudicadas),¹ do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA) –, o Exército enviou, junto ao Exército da Espanha, um pequeno, mas importante contingente, a partir do final de 2014, o qual foi incorporado ao Estado-Maior da Brigada espanhola no Líbano (BRILIB). Atualmente, o 8º contingente se encontra já em missão no Oriente Médio, tendo sua atuação sido consolidada ao longo dos quatro últimos anos.

UNIFIL – da criação à guerra de 2006

Durante a segunda guerra civil libanesa (1975-1990), desde o princípio, ocorreram ataques militares da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) contra alvos em Israel, os quais não tardaram a ser retaliados, de maneira cada vez mais contundente. Tais respostas culminaram com o desencadeamento da operação Litani, na noite de 14 para 15 de março de 1978, quando as Forças de Defesa de Israel (IDF) atravessaram a linha fronteira e progrediram no interior do território libanês até atingir o rio Litani, ocupando, então, com cerca de 25.000 militares, a faixa de fronteira.

O principal propósito das IDF, naquela operação, era expulsar as forças palestinas de sua fronteira Norte, o que resultou em cerca de 2.000 mortes, em ambos os lados, incluindo civis, bem como 285.000 deslocados libaneses,² ao final do conflito. Em face daquela operação, o Conselho de Segurança da ONU (CSNU) resolveu, por meio das resoluções nº 425 e 426, ambas de 1978, estabelecer a UNIFIL, de forma a pressionar a retirada das IDF do sul do Líbano, manter a paz internacional e, ainda, ajudar o governo local a restabelecer a autoridade na área.³ No mesmo mês, a quase totalidade das forças israelenses se retirou, mas a força interina da ONU foi mantida no terreno, de forma a atingir os demais objetivos a ela propostos.

No entanto, com o passar do tempo, o conceito das operações da UNIFIL teve de ser ajustado, devido ao recomeço dos ataques palestinos ao território israelense, desta vez com a ajuda de elementos sírios, o que acabou iniciando uma nova guerra entre o

Líbano e Israel, em 1982. Naquele momento, a UNIFIL ficou forçosamente limitada a realizar apenas assistência humanitária,⁴ inclusive por acabar auxiliando, involuntariamente, as ações da OLP,⁵ pois acabava evadindo da área em segurança elementos palestinos infiltrados na evacuação de civis, a qual ocorria sob a tutela da ONU.

Em 6 de junho daquele ano, as IDF invadiram o Líbano em uma campanha que, embora inicialmente considerada como limitada em alcance e duração, se tornaria a ação militar mais longa na história de Israel. A Operação Paz para a Galileia foi lançada para atingir metas estratégicas nacionais, entre elas: (1) eliminar a ameaça da OLP à fronteira Norte de Israel; (2) destruir a infraestrutura da OLP no Líbano; e (3) remover a presença militar síria no Vale Bekaa bem como reduzir sua influência no Líbano.⁶ A partir de então, até 1985, a UNIFIL permaneceu em território ocupado pelos israelenses, ao sul do Líbano.

Cabe destacar que a nova intervenção israelense em solo libanês abriu precedentes para que o Irã enviasse cerca de 1.000 soldados de sua Guarda Revolucionária, de forma a, junto com elementos segregados da milícia xiita Amal, constituir o Hezbollah,⁷ que se tornaria um grupo de papel relevante na história recente do país, inclusive no campo político.

Assim, entre os anos de 1985 e 2000, as ações da UNIFIL foram limitadas em termos de capacidades e em face da sua situação no terreno. Por exemplo, pode ser citado que as patrulhas da ONU não podiam adentrar em áreas controladas pelas IDF ou pelas forças do exército Sul-Libanês, o que reduzia sobremaneira a sua eficácia. No en-

tanto, apesar das adversidades, a ONU ainda manteve a atividade de ajuda humanitária à população local.

Porém, a situação passou a evoluir positivamente para o trabalho da UNIFIL, devido à retirada israelense da quase totalidade do território ocupado no ano de 2000. A partir da referida saída, voltou-se à situação de quase normalidade, pois as Forças de Segurança Interna (ISF) libanesas estabeleceram *checkpoints* na área recém-liberada, o que possibilitou o controle de movimentos bem como a manutenção da lei e da ordem.⁸

Concomitantemente, a UNIFIL buscou manter o cessar-fogo ao longo da Blue Line (BL), por meio de patrulhas motorizadas, a pé e aéreas, bem como estabelecer pontos estáticos, mantendo cerrado contato com israelenses e libaneses. Na mesma toada, iniciou trabalhos de desminagem na faixa de fronteira, ao passo que implementou operações de cooperação civil-militar (CIMIC), de forma a incrementar o apoio civil às tropas da ONU.

Porém, a situação no sul do Líbano começou a se deteriorar novamente, em face de diversos acontecimentos ao redor do mundo, como o ataque do grupo terrorista Al Qaeda nos Estados Unidos em 2001 e a consequente guerra global ao terror liderada pelos americanos a partir de 2001. O assassinato do primeiro-ministro libanês, Rafiq El-Hariri, em Beirute, no ano de 2005, acabou causando reflexos na presença síria no Líbano, tendo em vista a grande pressão internacional.

Em julho de 2006, uma emboscada do Hezbollah contra uma patrulha das IDF, dentro do território israelense, precipitou um novo conflito na região, que durou

apenas 33 dias, mas que foi suficiente para causar prejuízos da ordem de 3,5 bilhões de dólares à estrutura econômica libanesa bem como gerar cerca um milhão de deslocados de guerra,⁹ ou seja, praticamente quatro vezes mais do que em 1978.

Assim, em 11 de agosto de 2006, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) resolveu, por meio da resolução nº 1.701, ampliar as capacidades da UNIFIL, aumentando os efetivos de 2.000 homens para até 15.000, bem como expandir o mandato original.¹⁰ A partir de então, a Área de Responsabilidade (AR) da UNIFIL passou a ser a compreendida entre o rio Litani ao Norte, a Blue Line ao Sul, e o mar Mediterrâneo a Oeste, permanecendo até a presente data (**Figura 1**).

UNIFIL – de 2006 em diante

As guerras ocorridas na região, envolvendo Israel e Líbano, não foram os únicos fatores de desestabilização da área. Ainda há diversos outros, tais como a proximidade da AR da UNIFIL com as colinas de Golã, a Leste, tendo em vista o seu significado no contexto dos interesses regionais opostos de Israel, Irã e Síria. Inclusive, a aproximação ocasional de grupos ligados ao Estado Islâmico do Iraque e Grande Síria (ISIS), junto às fronteiras israelenses no Golã, conturbou a AR até o início de 2018, pois Israel utilizou, na maior parte das vezes, o espaço aéreo libanês para atacar alvos terrestres dentro da Síria.

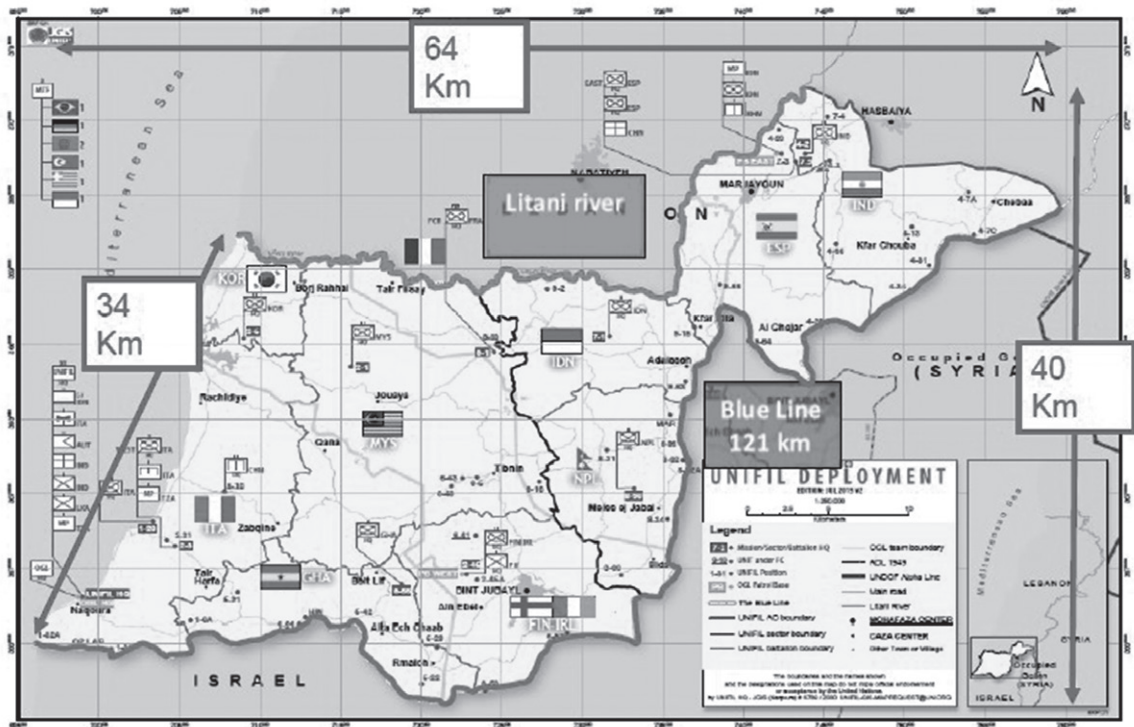


Figura 1 – Área de responsabilidade da UNIFIL

Fonte: Force Commander Handbook (2016)¹¹

Ainda, devido à presença de elementos do mesmo grupo ao longo da fronteira norte sírio-libanesa, há o fato de as Forças Armadas libanesas (LAF) terem de reforçar as tropas naquela parte do país, de forma a prevenir a entrada de elementos antigovernistas, que se podem misturar ao fluxo de imigrantes sírios, especialmente os refugiados originários de Aleppo. Isso ficou ainda mais evidente após o anúncio do ISIS do acionamento de células adormecidas em todo o mundo, para que estes pratiquem atentados terroristas estilo lobo solitário, o que muda o seu *modus operandi* e indica que o grupo não está completamente derrotado. Tal fato foi determinante para a diminuição da presença da LAF na área da UNIFIL, o que resultou na sobrecarga de responsabilidade das tropas da ONU, desde 2013.

No entanto, o referido problema começou a ser parcialmente resolvido a partir de novembro de 2017, com a chegada do 5º Regimento de Intervenção Rápida à AR da UNIFIL, sendo empregado entre as zonas de ação da 5ª Bda Inf Mec e da 7ª Bda Inf Mec das LAF. O sobredito reforço, aliado ao fato da possível reestruturação do exército libanês, aos moldes do padrão regimento americano,¹² e também o desarmamento do braço militar do Hezbollah podem, inclusive, acarretar o encerramento da UNIFIL.

Em relação ao grupo Hezbollah, talvez o maior fator de desestabilização existente no país, juntamente com a questão

dos refugiados, que havia enviado milhares de homens para lutar dentro do território sírio a partir de 2013, já se encontra com a quase totalidade de suas forças retraídas para o Líbano. O deslocamento destes combatentes obrigatoriamente passou pelo interior da AR da UNIFIL. Tal fato, aliado aos anúncios do presidente Trump, Macron e Putin, de que o ISIS estaria praticamente derrotado e atualmente confinado em áreas distantes da fronteira libanesa (**Figura 2**), mais próximas ao Iraque, coloca as IDF novamente em estado de alerta elevado, em face de uma maior probabilidade de conflito contra o grupo libanês. Aliado a isto, os combates na Síria ainda não estão resolvidos, pois a Turquia também começou a atacar a região, tendo como alvos os curdos.

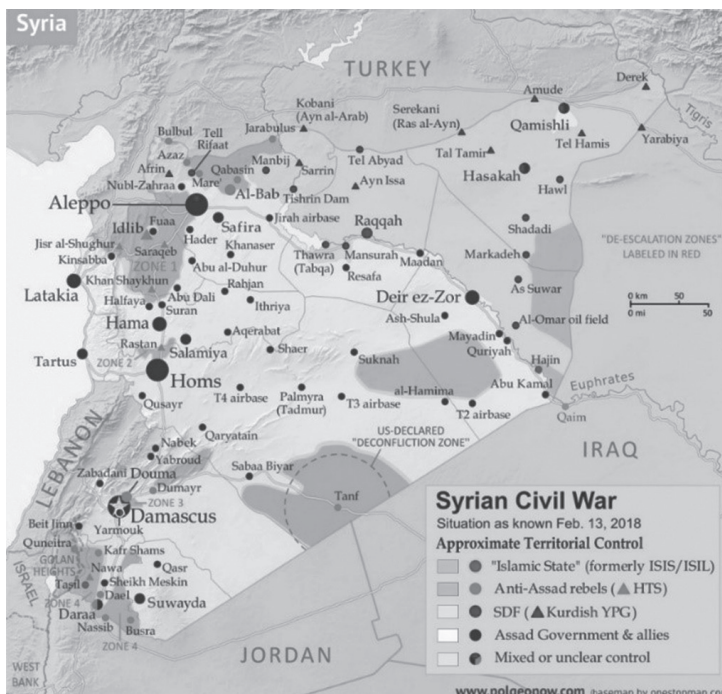


Figura 2 – Guerra civil síria (mapa de 13 Feb 2018)

Fonte: Political Geography Now¹³

No campo político, o Hezbollah está participando ativamente, inclusive em conjunto com o grupo Amal, de onde surgiu como dissidência. Ao mesmo tempo, recebe financiamento de potências estrangeiras regionais, como o Irã e o Catar. Por outro lado, está recebendo forte pressão internacional para abandonar o seu braço armado, uma vez que as LAF já teriam condições de representar os interesses do Líbano no campo militar. Se isso acontecer, vultosas somas poderão ser fornecidas por americanos e europeus, de forma a dar continuidade à reestruturação das forças armadas. De fato, atualmente, a ajuda está sendo fornecida por meio de doação de equipamentos militares, tais como helicópteros de ataque leves, carros blindados, Humvees, bem como do fornecimento de treinamento especializado, incluindo de forças especiais americanas.

A tentativa de desarmar o Hezbollah também é uma estratégia de alguns países para diminuir a expansão da influência iraniana no Oriente Médio. Tal estratégia encontra apoio, inclusive, de países árabes, como a Arábia Saudita, maior força árabe em oposição ao crescimento do Irã.

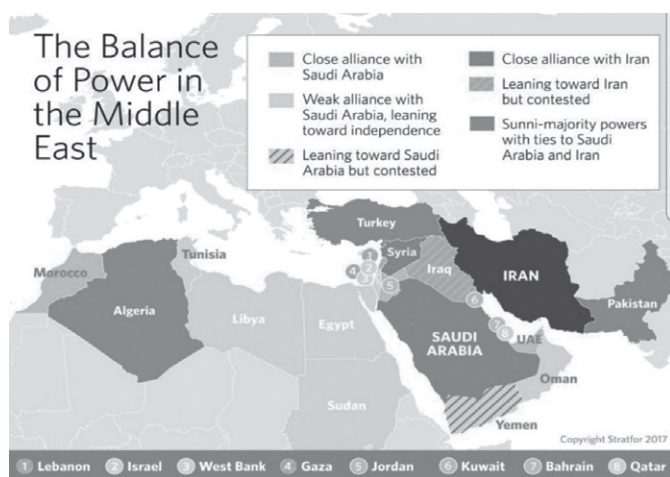


Figura 3 – Equilíbrio de poder no Oriente Médio (2017)

Fonte: Stratfor Worldreview¹⁴

Apesar de todos os fatores acima citados, a AR da UNIFIL encontra-se calma atualmente, embora a ONU seja um alvo em potencial que pode ser usado oportunamente para desestabilizar novamente a região. A UNIFIL dispõe de liberdade de movimento na maior parte da área de atuação, com a ocorrência de incidentes esporádicos envolvendo a população local, mas sem escalada da crise e com total apoio das LAF, em que pese não ser uma avaliação unânime, tendo em vista uma declaração contrária recente, proferida por um oficial francês, ex-integrante da *Force Commander Reserve*, o qual relatou que tanto a população quanto as LAF não apoiam a UNIFIL.¹⁵

Por outro lado, alguns problemas ainda não resolvidos, relacionados ao mandato da missão, permanecem como centro das discussões. Tais problemas incluem: o não retraimento das IDF da parte Norte da vila de Ghajar; a área ocupada por israelenses nas fazendas Sheeba; os sobrevoos israelenses constantes sobre o território libanês, tanto com drones como com aeronaves de caça; as violações diárias à Blue Line (BL) pelos libaneses e, por fim, a construção do muro israelense na faixa de fronteira, a partir de janeiro deste ano, o que inclui algumas partes do território libanês.

Ainda, os problemas político-econômicos mais recentes referem-se à disputa de áreas marítimas em Zona Econômica Exclusiva, pois as mesmas possuem reservas de petróleo e gás e são reivindicadas por ambos os países. No entanto, mesmo com pequenos incidentes diários, o cenário mais provável é que

a situação permaneça estável ao longo da BL, com instabilidades ocasionais em áreas mais sensíveis.



Figura 4 – Construção do muro na faixa de fronteira
Fonte: UNIFIL

Para se ter uma ideia da quantidade de incidentes na zona fronteiriça observados por tropas da UNIFIL no terreno, somente em 2017, e apenas no Setor Leste, houve 2.833, sendo 887 violações à BL, 783 presenças de caçadores armados (permitidos, mas controlados pela UNIFIL), 372 atividades das IDF nas proximidades da BL (consideradas até 500m da mesma), 189 atividades suspeitas (observação com equipamento óptico ou equipamento profissional de foto e vídeo em direção às posições israelenses), 175 sobrevoos e, por fim, 13 descobertas de algum tipo de munições não deflagradas, que ainda causam baixas à população e criações de ovinos locais, inclusive fatais.

Em relação aos embates bélicos, os últimos entre Israel e o Hezbollah ocorreram entre janeiro e outubro de 2016, e, apesar de terem sido fora da AR da UNIFIL (Síria), acabaram gerando consequências no Setor Leste. Naquele período, o Hezbollah lançou foguetes em direção a Israel bem

como utilizou explosivos improvisados perto de posições defensivas israelenses. Em resposta, Israel retaliou com ataques que passavam por espaço aéreo da AR da UNIFIL, violando a Resolução 1.701 do CSNU. Isso voltou a ocorrer em 2018, quando uma fábrica de mísseis iraniana foi atacada por caças israelenses, nas cercanias de Damasco, que dista apenas cerca de 60km da base onde ficam os brasileiros.

Por outro lado, como dito anteriormente, as LAF reduziram seu poder de combate na área de operações para duas brigadas incompletas, acrescidas de um regimento. Com isso, a UNIFIL preenche os espaços vazios. No entanto, o Hezbollah entende que essa ocupação, mesmo sem as LAF, é benéfica para a “coexistência pacífica” na região. Apesar disso, alguns problemas de reclamações de agricultores libaneses, por supostos sobrevoos de aeronaves das Nações Unidas, podem estar indicando que as relações tendem a se deteriorar novamente.

De forma a atender as demandas fronteiriças diárias, a UNIFIL teve um orçamento de US\$ 488.691.600,00 em 2018.¹⁶ Para cumprir suas mais variadas missões, a Força Interina possui, em seus quadros, cerca de 900 funcionários civis bem como um efetivo de 10.505 militares (entre eles, sete oficiais e sargentos do Exército Brasileiro, todos no Setor Leste), apesar de ter um efetivo autorizado de até 15.000. Ademais, há também brasileiros no QG da UNIFIL em Naqura (oito militares da Marinha) bem como na Maritime Task-Force, sediada em Beirute, com 258 militares, o que torna o Brasil o 13º maior contingente da UNIFIL, entre 41 países.

Os brasileiros no Setor Leste – atualmente e possibilidades

A partir de 2014, o Exército Brasileiro passou a enviar, semestralmente, um pequeno contingente para o Líbano, constituído por sete militares, sendo quatro oficiais (dois deles do QEMA) e três sargentos, os quais são integrados ao Estado-Maior da Brigada espanhola. Cabe salientar que a Marinha do Brasil está presente na Maritime Task-Force (MTF), desde 2011, tendo como objetivos: monitorar as águas territoriais libanesas, prevenir a entrada não autorizada de armas no Líbano e contribuir com o treinamento da Marinha Libanesa.¹⁷

Os contingentes do Exército Brasileiro, por sua vez, antes de chegar à área de operações no Líbano, cumprem um breve período de treinamento junto à Brigada espanhola, na sede da Brigada, ainda na Europa. Isto vem sendo realizado regularmente, tendo uma duração aproximada de seis semanas, com especial relevância pela oportunidade de interação com os militares espanhóis, com os quais travarão contato cerrado durante os seis meses subsequentes.

Neste contexto, a missão da Brigada espanhola no Setor Leste da UNIFIL é a seguinte: em estreita coordenação com as LAF, monitorar o fim das hostilidades, auxiliar as LAF no seu emprego pelo Setor e assessorar o Governo Local a exercer a sua autoridade. A Brigada também fará todas as ações necessárias, utilizando-se de todos os meios e capacidades, para apoiar a população local, de forma a assegurar que a área não seja utilizada por atividades hostis de nenhum tipo, bem como proteger civis de violência física iminente, tudo para avançar na tarefa da implementação da Resolução 1.701 do CSNU.

Para cumprir o previsto acima, a BRILIB possui, em sua organização para o combate, seis peças de manobra (**Figura 5**), a saber: Batalhão Nepalês (NEPBATT), Batalhão Indonésio (INDOBATT), Batalhão Espanhol (SPANBATT), Batalhão Indiano (INDBATT), Força-Tarefa Alfa e Força-Tarefa Bravo, sendo, as duas últimas unidades (-) de cavalaria mecanizada. No entanto, os brasileiros compõem apenas os quadros do Estado-Maior do QG do Setor Leste, ocupando vagas nas 2^a, 3^a, 4^a e 6^a seções.

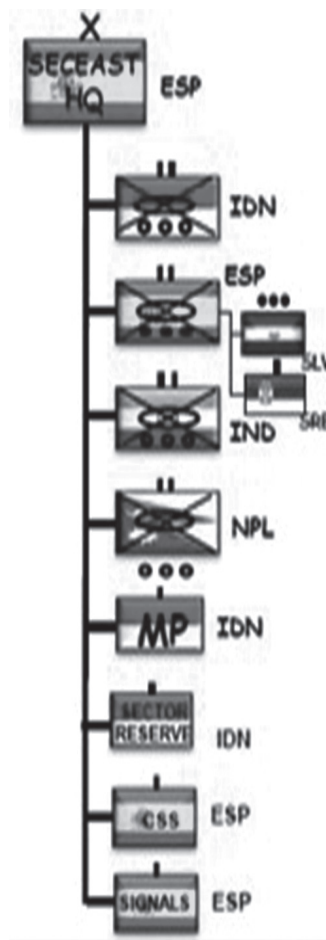


Figura 5 – Organização para o combate da XXVIII BRILIB (2018)

Fonte: Seaceast Oporder 7/2016¹⁸

Apesar de serem poucas vagas, as mesmas são bem distribuídas aos brasileiros, permitindo uma visão do que acontece em todo o setor bem como nas áreas adjacentes. Por exemplo, na 2ª seção, um capitão ocupa o cargo de coordenação de busca e gestão de informação. Na 3ª seção, um oficial superior ocupa o cargo de *watchkeeper*, o qual acompanha os acontecimentos diários, atualizando tanto a situação geral quanto as específicas. A outra função de oficial superior na 3ª seção é a de *airops*, a qual é uma função inteiramente nova, o que gera novos conhecimentos para futuras missões na ONU. As demais funções têm caráter eminentemente administrativo, mas também contribuem no aprendizado para um eventual aumento de efetivo brasileiro na missão.

É de se notar que a participação de contingentes brasileiros na UNIFIL é pautada pelos princípios regidos na Constituição Brasileira (1988), especialmente no tocante ao Art. 4º, incisos IV ao VII, apesar de não estar em consonância com a Política Nacional de Defesa (2012), pois o Líbano não se encontra no entorno estratégico do Brasil. No entanto, o envio de uma tropa brasileira para o solo libanês estaria perfeitamente de acordo com as diretrizes previstas na Estratégia Nacional de Defesa (2012), especialmente a de se terem responsabilidades crescentes em operações de manutenção da paz, ainda mais em uma área adjacente à Síria, onde ocorrem embates entre os exércitos mais capazes do mundo e forças rebeldes.

Além do mais, no tocante ao aperfeiçoamento da tropa, há a oportunidade de trabalhar com exércitos que estão constantemente em operações reais, como o espanhol

e o francês, pois fazem parte da OTAN, além de estarem participando ativamente de várias missões, além das de paz, como as de combate e as de treinamento, entre elas operações no Iraque, Afeganistão, Mali e Kosovo.

Ainda, o término da missão no Haiti faz necessário que o Exército busque novos horizontes,¹⁹ ainda mais com a notícia de que a próxima missão principal não será mais na República Centro-Africana, mas possivelmente no Congo. No entanto, em face de o ambiente da UNIFIL se tratar de uma das zonas mais militarizadas do mundo, em sua maioria em ambiente urbano, o aperfeiçoamento do militar brasileiro torna-se indubitável. Tal fato vai ao encontro do previsto nos critérios desejáveis para a escolha de novas missões, previstos no Projeto Seta, do Ministério da Defesa.

Desta forma, seria interessante que o Exército fizesse gestões de forma a aumentar seu efetivo na UNIFIL, apesar de quê, segundo o documento *Current and Emerging Uniformed Capability Requirements for UN Peacekeeping*, não há demandas da ONU para esta missão. No entanto, tal fato não impede o Brasil de se candidatar a substituir algum país que tenha o interesse de deixar a missão, seja parcial ou totalmente, como é o caso recente da Finlândia, que deixará de mobilizar o batalhão em conjunto com a Irlanda (IRISHFINNBATT, ver **Figura 1**), a partir de novembro deste ano, não havendo ainda substitutos. Assim, abre-se o cargo de cerca de metade de um efetivo de um batalhão, no Setor Oeste.

Outros contingentes também estão sendo substituídos paulatinamente, como é o caso do INDBATT, que terá uma de suas

companhias substituída por uma do Casaquistão, no segundo semestre de 2018. Ademais, a missão no Líbano permite o rodízio de tropas a cada seis meses, o que já acontece com a maioria dos contingentes da UNIFIL. E isso também vai ao encontro das prescrições básicas para o voluntariado do Brasil junto a novas missões da ONU.

Se, por acaso, o aumento do efetivo se concretizasse, no tocante ao apoio logístico, apesar de o projeto Seta descrever como tarefa complexa, seria muito mais simples do que as missões no meio da África, pelos seguintes fatores: o Mar Mediterrâneo banha a costa oeste do Líbano, que poderia ser utilizado para o transporte naval de qualquer tipo de meios através do porto de Beirute. Ainda, a partir de Beirute, o deslocamento rodoviário de cerca de 95km pode ser feito sem problemas em cerca de duas horas, utilizando-se de estradas asfaltadas e sem cruzar grandes centros urbanos, sendo este o fator de maior vantagem em relação aos países africanos, que têm transportes terrestres demorados e perigosos, em face da possibilidade de ação de grupos terroristas.

No mesmo sentido, o transporte aéreo também é factível até o Líbano, pois o aeroporto de Beirute tem as condições necessárias para o apoio às aeronaves de carga da FAB ou contratadas, como Boeings e C-130. O transporte terrestre se daria da forma já citada, a partir do aeroporto. Assim, o apoio logístico não é fator impeditivo nem restritivo para a implantação de uma missão brasileira maior na UNIFIL, muito pelo contrário.

Quanto aos aspectos fisiográficos, há a possibilidade de uma eventual missão brasileira deparar com relevo montanhoso, o que

pode influir negativamente sobre a tropa, por causa do inverno rigoroso. Na área do INDBATT, por exemplo, tendo em vista as elevadas altitudes, há a incidência de neve por, pelo menos, quatro meses ao ano. No caso de uma substituição do FINNBATT, mesmo apesar de ser no Setor Oeste, que possui altitudes mais moderadas, haveria a necessidade de se utilizarem uniformes de frio, gerando uma adaptação dos uniformes brasileiros ou os mesmos teriam que ser comprados de outros exércitos. Atualmente, os contingentes brasileiros de inverno recebem material de frio espanhol, comprado pela Aditância brasileira em Madrid.

Em relação aos aspectos psicossociais, a população é favorável à presença de brasileiros, pois praticamente todas as famílias têm alguém que mora ou já morou no Brasil. Isso é nítido quando os brasileiros aparecem em pontos da cidade onde há cidadãos civis libaneses. Tal fato facilitaria sobremaneira o contato com a população local, apesar de a maioria não falar português, e sim árabe e francês. E o contato certamente seria fortalecido pelos resultados alcançados pelas operações de CIMIC, as quais são realizadas, quase que diariamente, pelos batalhões e também pela unidade de CIMIC da Brigada.

Ademais, muitos libaneses possuem dupla nacionalidade, tendo em vista a diáspora dos anos 80, que faz com que o Brasil tenha uma população libanesa maior do que o próprio Líbano, uma vez que há cerca de 10 milhões de libaneses no Brasil e cerca de seis milhões no Líbano. Isto também é um fator que facilitaria o cumprimento da missão pela tropa brasileira, pois o nível de hostilidade seria muito baixo.

Desta forma, um batalhão brasileiro (-) no Líbano poderia contemplar o emprego dos seguintes elementos:

- 01 Companhia de Fuzileiros (+)
- 01 Pelotão de VBTP Guarani (podendo chegar a uma Cia)
- 01 Pelotão PE
- 01 Pelotão de Engenharia
- 01 Seção CIMIC
- Elm de EM (que completariam o EM do Btl, no caso do IRISHBATT, por exemplo)

O emprego de elementos de infantaria na missão poderia ser, além das vantagens já citadas, uma maneira de demonstrar um dos produtos exclusivos do Exército Brasileiro, o fuzil IA-2. A presença de 41 nacionalidades diferentes na missão oferece uma ampla oportunidade de contato direto com potenciais compradores de tal armamento, uma vez que a grande maioria utiliza armamentos antigos.

Além disto, o mesmo se aplica ao caso da VBTP Guarani, por se tratar de um veículo com tecnologia de ponta e baixo custo, ainda mais quando comparado com outros, como é o caso da VBTP Stryker, de custo muito mais elevado, ou ainda aos outros veículos utilizados na UNIFIL, quase todos com tecnologia ultrapassada. Tal fato possibilitaria o incremento das exportações dos blindados brasileiros, o que daria maiores possibilidades para a Iveco manter as pesquisas para a constante modernização do carro, revertendo em benefícios para o Exército Brasileiro, em longo prazo.

Os demais elementos teriam talvez um aprendizado menor, em relação a novos co-

nhecimentos, porém teriam a oportunidade de interagir em um novo ambiente operacional, com dados do problema deveras diferentes dos encontrados no Haiti.

Conclusão

A UNIFIL é a missão mais antiga da ONU, atualmente, contando com a participação de 41 nações diferentes, e o Brasil participa ativamente desde 2011, especialmente no seu componente naval.

O Exército Brasileiro, desde 2014, vem participando do componente terrestre da missão de forma exemplar, apesar de ainda incipiente. No entanto, a possibilidade de emprego de tropa é desejável bem como se mostra plenamente possível, pelo fato de haver futuros claros na organização para o combate da UNIFIL, além de não haver maiores inconvenientes para sua implantação, sejam de ordem logística, sejam de ordem operacional.

Em primeiro lugar, o aumento de efetivo do EB no Oriente Médio atende claramente à maioria dos documentos que regem esse tipo de emprego de tropa fora do território brasileiro, inclusive a Carta Magna de 1988. Tal fato possibilita, juridicamente, que o Brasil tenha maior representatividade nas operações terrestres naquela porção do globo, apesar de não fazer parte do entorno estratégico brasileiro.

Adicionalmente, o ambiente operacional possibilita aos elementos do Exército o aprendizado de novos conhecimentos, seja pelo dia a dia das operações, seja pelo contato com tropas da OTAN, como é o caso da França e da Espanha. Desta forma,

um dos requerimentos para a busca de novas missões de paz pelo EB pode ser plenamente atendido.

Também, a utilização de armamentos novos, por parte deste batalhão a ser empregado na UNIFIL, possibilitaria uma propaganda *in loco*, para ao menos 40 países, uma vez que o fuzil IA-2 e a VBTP Guarani são desconhecidos no Oriente Médio. Tal fato pode incitar o interesse em aquisição de materiais de emprego militar fabricados no Brasil, o que pode contribuir para que os mesmos sejam atualizados constantemente.

Ademais, os óbices para o desdobramento de uma tropa no valor de um batalhão (-) no Líbano são certamente bem menores do que em qualquer lugar no interior da África, como a República Centro Africana ou o Congo. O transporte rodoviário, a partir de Beirute, seja por meio do porto ou

do aeroporto, facilitaria enormemente qualquer transporte de material até as posições da UNIFIL, em ambos os setores. Tal fato nos permite concluir que, apesar de cara, a logística para atender a UNIFIL seria bem mais simples do que a MINUSCA ou a MONUSCO, por exemplo, apesar de mais complexa do que foi com a MINUSTAH.

Por fim, o Exército Brasileiro já enviou sete contingentes, os quais serviram como esclarecedores da área de operações ao sul do Líbano, tendo plena capacidade operacional e logística para fazer muito mais do que isso. Talvez tenha chegado a hora de dar um passo a mais em direção a novos horizontes, que não sejam somente os do entorno estratégico no Atlântico Sul, ainda mais pela proximidade da guerra que merece ser analisada com mais cuidado, tendo em vista sua grande complexidade: a da Síria. 🌐

-
- ¹ O Projeto SETA representa um estudo continuado acerca de aspectos militares, logísticos, históricos, geográficos, econômicos, culturais, políticos e de relações exteriores de cada país e/ou região suscetíveis ao envio de efetivos nacionais, baseados nos cenários onde já existem missões sob a égide da ONU. Ver FORÇA AÉREA BRASILEIRA, Ministério da Defesa realiza cerimônia de encerramento da missão de paz no Haiti, 2017; disponível em: <www.fab.mil.br/noticias/mostra/31114/>; acesso em 12 de setembro de 2108.
 - ² HERRÁEZ, Pedro Sánchez; BARRIGÓN, Juan Manuel Rodriguez. El Conflicto en Libano. España: Ministerio de Defensa, abril 2009, p. 64.
 - ³ UNIFIL Mandate. Disponível em: <unifil.unmissions.org/unifil-mandate> Acesso em: 3 de março de 2018.
 - ⁴ ARAB, Fawaz. UNIFIL Peacekeeping and Lebanese National Security. United States Army War College: 2002.
 - ⁵ LAFFIN, John. The War of Desparation: Lebanon 1982-85. Osprey Publishing: London, 1985, p. 20.
 - ⁶ HELMER Daniel Isaac. The Long War - flipside of the coin: Israel's lebanese incursion between 1982-2000. Combat Studies Institute Press: Fort Leavenworth, 2007.
 - ⁷ CALDERÓN, H. Conflictos en el siglo XXI: El Caso de Israel-Líbano. Centro Argentino de Estudios Internacionales, 2006, p. 30.
 - ⁸ UNIFIL Background. Disponível em: <unifil.unmissions.org/Default.aspx?tabid=1501#Para1>. Acesso em: 17 de março de 2018.
 - ⁹ UNIFIL Background. *Ibid.*
 - ¹⁰ UNSC Resolution 1701 (2006). Disponível em: <www.un.org/press/en/2006/sc8808.doc.htm>. Acesso em: 17 de março de 2018.
 - ¹¹ UNIFIL. Head of Mission/Force Commander Handbook. Oct 2016.

- ¹² UNIFIL Media Summary. UNIFIL Public Information Office. Disponível em: <me.cosmos.dfs.un.org/UNIFIL/Lists/Media%20Summaries/Attachments/1865/UNIFIL%20Media%20Summary%2016%20MARCH%202018.pdf>. Acesso em: 16 de março de 2018.
- ¹³ POLITICAL GEOGRAPHY NOW. Syrian Civil War Map & Timeline – February 2018. Disponível em: <www.polgeonow.com>. Acesso em 21 de fevereiro de 2018.
- ¹⁴ STRATFOR WORLDREVIEW. The Middle East and North Africa is the World's Crossroads. It encompasses the Arabian. 2018 Second Quarter Forecast. Disponível em: <worldview.stratfor.com>. Acesso em 09 de março de 2018.
- ¹⁵ UNIFIL Media Summary. UNIFIL Public Information Office. Disponível em: <me.cosmos.dfs.un.org/UNIFIL/Lists/Media%20Summaries/Attachments/1850/UNIFIL%20Media%20Summary%2023%20February%202018%20.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.
- ¹⁶ UNIFIL. *Ibid.*
- ¹⁷ UNIFIL. UNIFIL Maritime Task-Force. Disponível em: <unifil.unmissions.org/unifil-maritime-task-force>. Acesso em: 18 de abril de 2018.
- ¹⁸ SECTOR EAST HQ. SECEAST OORDER 7/2016. Marjayoun: May 2017.
- ¹⁹ MINISTÉRIO DA DEFESA. Projeto Seta. Possibilidades de Emprego das Forças Armadas Brasileiras em Missões de Paz da ONU. Chefia de Operações Conjuntas. Subchefia de Operações de Paz, 2016.
- N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.